



FERRAMENTA EDUCACIONAL PARA AVALIAR CRIANÇAS APRENDENDO INGLÊS



EDUCATIONAL TOOL FOR ASSESSING CHILDREN LEARNING ENGLISH

Joelinton Fernando de FREITAS
Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 17/10/2022 • APROVADO EM 19/04/2023

DOI: <https://doi.org/10.47295./mgren.v12i1.439>

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma ferramenta educacional para avaliar crianças aprendendo inglês. No primeiro tópico, trazemos considerações sobre a avaliação no ensino e na aprendizagem de língua inglesa para crianças (LIC). Para isso, nos ancoramos nos pressupostos de autores como Pinter (2006, 2011), Cameron (2005), Colombo e Consolo (2016), Brown (2004), Iannou-Georgiou e Pavlov (2003), Mckay (2006), Shaaban (2005), Malloy (2015), Scaramucci (1993), Hoffman (2009), Aranda (2019), entre outros. Os autores defendem que o professor de LIC precisa conhecer sobre as características dos alunos conforme a faixa etária e leve isso em conta nos momentos em que precisa avaliar. Com isso, torna-se possível traçar um plano de ação com práticas pedagógicas significativas e levando em consideração as necessidades específicas. Em seguida, apresentamos o perfil metodológico da pesquisa, trazemos dados dos participantes da pesquisa, bem como os instrumentos para coleta de dados e a descrição de como a ferramenta foi elaborada colaborativamente. Com relação à ferramenta elaborada, compreendemos que é passível de adaptação de acordo com a realidade que cada professor vivencia, levando em consideração as características de seus alunos e suas

turmas. Pode auxiliar a enfatizar o avanço dos alunos no decorrer do bimestre ou semestre, baseando-se em aspectos linguísticos sólidos e diminuindo assim a subjetividade no processo avaliativo.



Abstract

This paper aims to present an educational tool to assess children learning English. In the first topic, we bring considerations about assessment in the teaching and learning of English for children. For this purpose, we base ourselves on the assumptions of authors such as Pinter (2006, 2011), Cameron (2005), Colombo e Consolo (2016), Brown (2004), Iannou-Georgiou e Pavlov (2003), McKay (2006), Shaaban (2005), Malloy (2015), Scaramucci (1993), Hoffman (2009), Aranda (2019), among others. The authors defend that the Teacher of English Language for Children needs to know about the students' characteristics according to their age group and consider it at the times when he/she needs to assess them. Thus, it becomes possible to outline an action plan with meaningful pedagogical practices and taking into account specific needs. Next, we present the methodological profile of the research, we bring data from the research participants, as well as the instruments for data collection and the description of how the tool was collaboratively elaborated. Regarding the tool developed, we understand that it is adaptable according to the reality that each teacher experiences, considering the characteristics of his or her students and classes. It can help to emphasize the students' progress during the bimester or semester, based on solid linguistic aspects and thus reduce subjectivity in the assessment process.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Linguística Aplicada. Avaliação. Inglês para crianças. Ensino aprendizagem. Ferramentas avaliativas.

Keywords: Applied linguistics. Assessment. English for children. Teaching learning. Assessment tools.

Texto integral

Introdução

O professor de língua inglesa para crianças (doravante LIC) precisa avaliar seus alunos, seja diariamente ou em momentos específicos, uma vez que a avaliação é parte indissociável da prática docente. Nesse sentido, avaliar a aprendizagem dos estudantes não deve ser o ponto de chegada, mas sim a possibilidade de observar o trajeto que leva até essa aprendizagem, pois como defende Hoffman (2001) avaliação escolar, atualmente, só faz sentido se tiver o intuito de buscar caminhos para a melhoria da aprendizagem.

Dessa forma, o professor de LIC se depara com a difícil tarefa de avaliar seus alunos de maneira justa, eficaz e menos subjetiva. Nos momentos de avaliação emergem questões como: que tipo de avaliação se deve utilizar? Quais ferramentas utilizar para avaliar crianças? Como analisar os resultados obtidos por meio das avaliações? Quais habilidades e características deve-se levar em conta no processo de avaliar crianças aprendendo inglês? Para quem e como apresentar os resultados dessas avaliações?

De fato, todas essas questões exigem uma reflexão profunda por parte do docente, uma vez que, segundo Morosov e Martinez (2008), a avaliação tem o poder de determinar que tipos de alunos se pretende formar em língua estrangeira, bem como internalizar os conhecimentos no falante que poderão ser utilizados durante toda sua trajetória de vida.

Compreendemos que, ao olhar especificamente para o ensino e aprendizagem de LIC, a aplicação de ferramentas consideradas tradicionais como provas, testes, tarefas e trabalhos podem não ser as mais adequadas para avaliar esse tipo de público. Segundo McKay (2006), crianças¹ são sensíveis a elogios, críticas e aprovação, elas julgam a si mesmas com base em suas conquistas. Diferentemente do adulto, podem não saber como lidar com tais críticas e bloquear a aprendizagem durante as aulas, fazendo com que o desinteresse perdure durante a adolescência, assim como durante a vida adulta.

Sendo assim, o presente artigo trata-se de um recorte de dissertação de mestrado defendida e aprovada em 2021². Durante a pesquisa, nos propusemos a atuar com professores de inglês do ensino fundamental I de escolas públicas municipais de Sorriso/MT. Os dados foram coletados por meio de um curso de formação continuada com carga horária de 40h. A ferramenta foi desenvolvida de maneira colaborativa com base nas necessidades dos participantes e nas discussões proporcionadas durante a formação.

Nos próximos tópicos, discutimos sobre as nuances da avaliação no ensino e na aprendizagem de inglês para crianças, além de apresentar a ferramenta elaborada e seus possíveis usos.

A avaliação no ensino e na aprendizagem de inglês para crianças

A aprendizagem de LIC desperta sentimentos de inquietações por parte dos professores, afinal, muito ainda se discute sobre os processos avaliativos mais adequados para atender a este público e, em muitos casos, a formação docente não proporciona bagagem teórico-metodológica específica para que o professor se sinta seguro para construir seus processos avaliativos com seus alunos.

Entretanto, faz-se necessário esclarecer que a maioria das discussões nesta pesquisa tem foco nas crianças que frequentam o ensino fundamental I, bem como os docentes que atuam neste âmbito. Compreendemos ser desejável que o professor de LIC possua conhecimento necessário sobre cada estágio de aprendizagem das crianças e as características peculiares que elas podem apresentar (SANTOS, 2009). Hoffmann (2009, p. 76) também adverte para essa questão quando manifesta que:

[...] com base em expectativas determinadas pelos adultos, são estabelecidas rotinas e procedimentos desconsiderando-se o significado deles em relação às etapas de desenvolvimento das crianças, as suas possibilidades, as suas necessidades.

¹ Consideramos crianças pessoas até 12 anos de idade incompletos, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente- lei 8.069/90 de 13 de julho de 1990.

² A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos CAAE: 33503620.6.0000.5166.

Ao analisar as teorias que sustentam as ideias que caracterizam cada estágio de desenvolvimento das crianças, notamos, com base nos estudos e pesquisas de Pinter (2011, p. 08), que algumas teorias “partem da premissa de que existem estágios de desenvolvimento e que cada estágio é qualitativamente diferente, enquanto outras sustentam que o desenvolvimento é mais contínuo”.

Dentre as teorias mais conhecidas estão as de Piaget que arguiu sobre o desenvolvimento infantil semelhante a estágios, e a de Vygotsky cujo foco era o desenvolvimento mediado socialmente. Conforme Rinaldi (2014, p. 297), “o professor que atua com crianças precisa conhecer as teorias ‘de desenvolvimento infantil’ de modo a fundamentar adequadamente sua ação e evitar que seu trabalho seja feito à base de tentativa e erro ou por intuição”. Quando o professor toma conhecimento dessas informações pode, então, planejar tanto o ensino quanto a avaliação de modo que a subjetividade seja eliminada ou bastante minimizada.

Diante disso, Freitas (2019) defende a ideia de que o contato com a língua inglesa desde a infância pode fazer a diferença no sentido de expandir o universo de vivências e possibilidades da criança. Quando trabalhado desde os primeiros anos de escolarização, o referido idioma pode auxiliar na aprendizagem tanto de língua materna quanto de demais línguas estrangeiras, pois “[...] ao contrário do que muitos pensam, a aprendizagem da língua auxilia e impulsiona as capacidades cognitivas da criança” (FREITAS, 2019, p. 1).

Semelhantemente, Colombo e Consolo (2016, p. 49) asseveram fortemente a tese de que ofertar uma língua estrangeira (LE) para crianças tem o propósito de

[...] garantir-lhes espaço social, permitir-lhes (con)viver, atuar e interagir em um mundo como parte integrante desse mundo criança [...]. Para ser significativa, a oferta de LEC nas escolas brasileiras deve remodelar a visão processual que ela tem da infância e passar a valorizar a existência e a relevância política, social e cultural do aluno no agora. É deixar de olhar exclusivamente para o futuro ou para o passado e começar a considerar a criança-aluno em sua existência presente. É valorizar o momento com suas singularidades.

Mas, por que precisamos avaliar crianças? Quais são os motivos para avaliá-las quando aprendem uma LE ou segunda língua? Muitos acreditam que a avaliação de crianças aprendendo inglês ou qualquer outra língua pode ser ameaçadora ou não adequada à natureza delas; porém, a avaliação é, de fato, uma parte necessária do processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com as ideias de Iannou-Georgiou e Pavlov (2003), trazemos os propósitos para os quais a avaliação pode servir:

- Monitorar e ajudar o progresso das crianças (o professor precisa estar atento às dificuldades que as crianças enfrentam e aquilo que elas já sabem. A avaliação pode servir como ajuda individualizada para cada especificidade de cada criança);

- Fornecer às crianças evidências de seu progresso e aumentar a motivação (quando as crianças percebem que estão avançando e atingindo os objetivos de curto prazo, se sentem motivadas a progredir);
- Para monitorar o desempenho do professor e planejar trabalhos futuros (com a avaliação não somente as crianças são avaliadas, mas também o profissional docente. As avaliações podem auxiliar a avaliar seu próprio trabalho, a descobrir o quão eficaz o docente tem sido e o sucesso da metodologia e materiais escolhidos);
- Para fornecer informações aos pais, colegas e autoridades escolares (é importante que os pais sejam informados dos progressos da criança, além de outros profissionais docentes que podem atuar futuramente com essa criança).

Com isso, observa-se aspectos importantes pelo quais a avaliação precisa ser bem elaborada e o motivo pelo qual avaliamos as crianças. No entanto, conforme aponta Andrade (2016), a avaliação no processo de ensino e aprendizagem de inglês na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental ainda se restringe, em muitos casos, a testes orais ou escritos, deixando de lado atividades que não proporcionam ao aluno situações ou contextos adequados à utilização da língua.

Isso nos mostra que o professor acaba promovendo práticas avaliativas que não são eficazes para o público em questão. É necessário compreender que este público traz características próprias que precisam ser levadas em conta no momento da avaliação. Essas características apontam para o fato de que as crianças aprendem de maneira diferente dos adultos. Pinter (2006) nos assevera que os adultos, quando aprendem uma segunda língua, conseguem fazer análises abstratas, comparar termos gramaticais da língua materna com a segunda língua e tem um bom entendimento das regras de comunicação.

Todavia, as crianças “aprenderão a segunda língua ou a língua estrangeira se estiverem se divertindo e se puderem trabalhar com mensagens de contextos significativos” (PINTER, 2006, p. 19). Nesse sentido, os professores de LIC precisam estar atentos e conhecer tais características, a fim de elaborarem avaliações que levem em consideração esses traços de aprendizagem das crianças.

Deste modo, Rocha, Costa e Silva (2006) nos orientam que ao elaborarmos uma avaliação, é necessário explicitar exatamente aquilo que queremos avaliar. Além disso, é alentado que se especifique o que a avaliação irá checar e que tipo de resultados poderá ser obtido por meio dela. McKay (2006, p. 140-141) defende a ideia de que

[...] a avaliação pode ser incorporada em instruções elaboradas para atingir os objetivos do currículo, e isso permite que os professores não apenas verifiquem se a aprendizagem está ocorrendo, mas também que usem o feedback que recebem por meio de avaliações para apoiar o aprendizado. Desta forma, a avaliação pode tornar-se, durante grande parte do ano letivo,

uma parte essencial do ensino e da aprendizagem, em vez de um processo separado.³

Scaramucci (1993, p. 93), por sua vez, ressalta ser necessário “[...] conceber a avaliação de forma diferente para que a sua função educativa prevaleça”. Ainda segundo a autora, a avaliação é uma ferramenta que tanto o professor quanto a escola utilizam para a consecução de objetivos propostos, bem como do contínuo aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem. Semelhantemente, conforme afirma Shaaban (2005), para que a avaliação seja eficaz é necessário o uso de procedimentos apropriados e uma interpretação adequada do desempenho dos alunos.

Ademais, Shaaban (2003, p. 35) também nos lembra que

as ferramentas e procedimentos de avaliação, além de essenciais para avaliar o progresso e o desempenho dos alunos, também ajudam na avaliação da adequação e eficácia do currículo, da metodologia de ensino e dos materiais instrucionais.

Outro ponto importante, segundo Malloy (2015), é não querer comparar a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças com os dos adultos, afinal:

Crianças possuem necessidades muito diferentes de alunos adultos - elas são muito menos tolerantes a testes formais e estresse, e têm um desempenho muito melhor quando estão se divertindo. Ao avaliar jovens alunos, é importante que tomemos em consideração as diferenças que fazem as crianças especiais, para evitar avaliar algo diferente de seu aprendizado de línguas. (MALLOY, 2015, p. 20).⁴

Na mesma direção, Hoffman (2009) afirma que as crianças apresentam características próprias de compreender o mundo e vivenciar situações, pois “o seu desenvolvimento acontece de maneira aceleradíssima. A cada minuto realizam novas conquistas, ultrapassando nossas expectativas e causando muitas surpresas” (HOFFMAN, 2009, p. 68). O professor de LIC precisa estar atento ao crescimento intelectual dos infantes, analisando e observando cuidadosamente o processo de aprendizagem da língua como um todo.

Cameron (2005) faz uma comparação interessante com relação a essa observação minuciosa, igualando o professor de inglês a um jardineiro. A pesquisadora menciona que o jardineiro precisa avaliar continuamente o quão bem as suas plantas estão crescendo, além disso, precisa estar atento às mudanças

³No original: Assessment can be embedded in instruction designed to achieve the curriculum objectives, and this enables teachers not only to check that learning is taking place, but also to use the feedback they receive through assessment to support learning. In this way, assessment is able to become, for a large part of the teaching year, an essential part of teaching and learning, rather than a separate process.

⁴No original: Young learners have very different needs to adult learners – they are much less tolerant to formal tests and stress, and perform much better when they are having fun. When assessing young learners, it is important that we take the differences which make children special into account, to avoid assessing something other than their language learning.

e o que elas significam ao trazer experiências e conhecimentos anteriores ao que está vendo. “Da mesma forma, um professor qualificado avalia continuamente o aprendizado de seus alunos por meio do que ele percebe e como ele interpreta essas observações à luz da experiência e do conhecimento” (CAMERON, 2005, p. 220).⁵

Pelo mesmo viés, concordamos com Both (2008, p. 28) quando aponta a importância de se ter percepções muito claras da avaliação e do papel que ela cumpre dentro do contexto de ensino e aprendizagem, já que o objetivo principal da avaliação “não é identificar o quanto o aluno sabe e a profundidade com que apreendeu os conteúdos, mas, sim, verificar quais foram os caminhos que o levaram a esse conhecimento” (BOTH, 2008, p. 28).

Outro ponto importante sobre a avaliação de crianças aprendendo inglês é a relação entre o que os professores compreendem como língua e como essa compreensão se reflete em suas práticas avaliativas. Por este mesmo caminho, Bueno e Tonelli (2019, p. 113) afirmam que

[...] ao avaliar o desenvolvimento linguístico do público infantil, se deve considerar a concepção de língua adotada pelo professor e/ou pela escola já que tal noção influencia diretamente os objetivos de ensino e, por conseguinte, da avaliação. Desse modo, se o conceito de língua adotado está pautado no estruturalismo, o enfoque da avaliação recairá sobre conceitos estruturais da língua.

Diante disso, podemos inferir que toda a bagagem de aprendizado do professor durante seu processo formativo inicial e contínuo se refletem na maneira como irá avaliar suas crianças. Quando o docente possui a visão de que para se aprender língua é necessário interação e comunicação, em muitos casos, suas atividades em sala de aula estarão em consonância com estas percepções, porém, em muitos casos, mesmo com este olhar para a língua e para o aprendizado, quando se depara com o momento de avaliar, pode buscar provas e testes com conteúdo estrutural. Dessa forma, tudo o que foi ensinado durante as aulas não se reflete na maneira como este docente avalia e, conseqüentemente, os alunos sentirão essa diferença e não terão resultados satisfatórios.

Quevedo-Camargo (2018) assegura, mesmo que pareça óbvio, que a seleção de atividades e daquilo que o professor deseja trabalhar em sala deve ser feita já se levando em conta quais delas serão utilizadas como avaliação posteriormente. “Em outras palavras, se o professor trabalha durante várias semanas com seus alunos a descrição e o desenho de imagens, é exatamente isso que eles devem fazer para serem avaliados” (QUEVEDO-CAMARGO, 2018, p. 262).

Destarte, coadunamos com a visão de Aranda (2019) ao alertar para a questão de que as práticas de ensino não podem estar dissociadas da avaliação, pois há uma troca muito importante de informações entre ambas, buscando

⁵ No original: A gardener continuously assesses how well various plants are growing, noticing changes, and judging what they mean by bringing past experience and knowledge to what is seen. Similarly, a skilled teacher continuously assesses his pupils learning through what he or she notices and how he or she interprets these observations in the light of experience and knowledge.

sempre “engajar os participantes em processos reflexivos que olhem para a avaliação como investigação e base regulatória para uma prática transformadora na construção do conhecimento e no desenvolvimento de habilidades” (ARANDA, 2019, p. 125).

Outro ponto importante que se destaca como sendo um diferencial nos propósitos de se avaliar crianças no processo de aprendizagem da LI, é a grande importância conferida ao pai ou responsável como agente interessado nos resultados da avaliação. Segundo Oliveira (2018, p. 36):

As motivações de um adulto que decide por conta própria estudar uma LE geralmente dizem respeito a seus interesses pessoais. A criança, por sua vez, inicia seus estudos em LE por vontade dos pais. Desta forma, o professor de LEC precisa ter em mente que, para avaliar a criança, o resultado desta avaliação também servirá aos seus pais ou responsáveis.

Fornecer informações para que os pais consigam compreender os avanços de seus filhos e o caminho percorrido durante o processo de aprendizagem do inglês é um dos fatores pelos quais os docentes precisam visualizar a avaliação como ferramenta de importância ímpar dentro da sala de aula. McKay (2006) afirma que professores de jovens aprendizes precisam coletar informações sobre crianças para compartilhar com os pais e, é claro, com as próprias crianças.

Em vista dessas observações, tomamos a liberdade de elaborar uma figura na qual esquematizamos as considerações necessárias para se avaliar crianças aprendendo inglês, a fim de proporcionar uma visão geral sobre as competências necessárias para uma avaliação sólida e justa aos olhos de pais, professores, coordenadores e dos próprios professores.



Figura 1 – Considerações sobre como avaliar crianças aprendendo inglês

Fonte: elaborado pelo autor.

Ao analisarmos a figura, percebemos que o processo para se avaliar crianças aprendendo inglês é complexo e bastante reflexivo, afinal, são muitos os aspectos aos quais o professor de LIC precisa se ater. Defendemos, portanto, que com as ferramentas necessárias, o docente pode e deve construir um processo avaliativo mais justo e menos subjetivo, considerando aspectos próprios das crianças, elencando objetivos e critérios sólidos, além de explicitar de maneira clara os avanços e as dificuldades na aprendizagem. No próximo tópico, apresentamos brevemente o percurso metodológico para a elaboração das ferramentas educacionais avaliativas.

Procedimentos metodológicos

Nesta seção apresentamos o percurso metodológico da pesquisa e da elaboração dos instrumentos avaliativos. Destacamos que se trata de uma pesquisa qualitativa de cunho interpretativista e interventiva. Bauer e Gaskell (2003) afirmam que a finalidade real da pesquisa qualitativa é explorar as opiniões e as diferentes representações sobre o assunto em questão, “sejam quais forem os critérios, o objetivo é maximizar a oportunidade de compreender as diferentes posições tomadas pelos membros do meio social” (BAUER; GASKELL, 2003, p. 68). Apontamos a pesquisa como qualitativa, pois buscamos analisar de maneira crítica e reflexiva os dados gerados e coletados e não apenas quantificá-los.

Além do prisma qualitativo-interpretativista, consideramos a natureza interventiva desta pesquisa, também conhecida como pesquisa-ação ou

participante, pois, segundo Gil (2002), se caracteriza pela interação entre pesquisador e participantes da pesquisa. Foi necessário integrarmos esta natureza ao estudo uma vez que nos propusemos a elaborar colaborativamente instrumentos de avaliação do ensino e da aprendizagem de LIC, com professores atuantes neste âmbito.

Tripp (2005, p. 445) traz o enfoque educacional da pesquisa interventiva ao afirmar que:

[...] a pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos.

Assim, na pesquisa interventiva há uma ampla interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; dessa interação, surge a situação, o objeto e os problemas encontrados a serem pesquisados. O objetivo consiste em resolver ou esclarecer esses problemas e há um acompanhamento permanente de toda a atividade dos atores da situação. Destarte, a pesquisa não se limita apenas a uma ação, mas procura ampliar o conhecimento de todas as pessoas envolvidas no processo.

Como dito anteriormente, a ferramenta educacional foi elaborada de maneira coletiva com professores de inglês do ensino fundamental I de escolas municipais em Sorriso-MT. Devido à pandemia de Corona vírus em 2020/2021, o curso de formação continuada que, a princípio seria realizado de maneira presencial, precisou ser feito de forma totalmente remota. Houve a inscrição de 16 professores interessados em participar, mas apenas 8 prosseguiram até o final.

Os encontros formativos ocorreram com o auxílio de vídeo chamadas on-line. Julgamos pertinente apresentarmos os perfis dos professores que se dispuseram a participar deste estudo. De fato, ao tratarmos de pesquisas com pessoas em geral, precisamos levar em conta a história de vida, a carreira profissional, as crenças e convicções, os anseios e as angústias, dentre tantas outras coisas que não podem ser negligenciadas neste tipo de fazer científico.

Concordamos com o que aponta Bortoni-Ricardo (2008, p. 42) ao afirmar que este tipo de pesquisa “[...] não está interessada em descobrir leis universais por meio de generalizações e estatísticas, mas sim estudar com muitos detalhes uma situação específica”. Neste caso, consideramos um estudo bastante específico sobre formação docente voltada à avaliação no ensino e aprendizagem de LIC, a partir de um Curso específico para esta área.

Para ilustrar as características próprias de cada professor participante, construímos um quadro com informações referentes a sua trajetória enquanto docentes, idade, carga horária, vínculos com as escolas, assim como a área de graduação e as especializações, dentre outras informações relevantes. Com o intuito de assegurar o anonimato dos participantes, optamos por nomeá-los com nomes comuns da língua inglesa.

Para conhecer um pouco mais sobre os participantes apresentamos o quadro a seguir:

PROF/IDADE	GRADUAÇÃO/ANO/INST	ESPECIALIZAÇÃO	ATUAÇÃO EM LI	VÍNCULO	ANOS EM QUE LECIONA	CARGA HORÁRIA
Josh - 57	Letras - Port/Inglês (1997) UNEMAT	Ensino-aprendizagem de língua inglesa	23 anos	Efetivo - escola municipal e estadual	Ens. Fund. I e II/Ensino Médio	40h
Sally - 41	Letras - Port/Inglês (2005) UNEMAT	Psicopedagogia	10 anos	Efetiva - escola municipal e estadual	Ens. Fund. I e II/Ensino Médio	40h
Sue - 42	Letras - Port/Inglês (2003) UNIFLOR	Não possui	16 anos	Efetiva - escola municipal	Ens. Fund. I e II	20h
Liz - 35	Letras - Port/Inglês (2008) Centro Universitário de Votuporanga	Metodologia do ensino da língua inglesa	10 anos	Efetiva - escola municipal	Ens. Fund. I e II	40h
Grace - 27	Letras - Port/Inglês (2017) UNEMAT	Metodologia do Ensino de língua portuguesa, língua inglesa e literatura.	3 anos	Contratada-escola municipal e estadual	Ens. Fund. I e II/Ensino Médio	20h município 30h estado
Anne - 45	Letras - Port/Inglês (2011) UNEMAT	Metodologias de ensino português e inglês	8 anos	Efetiva-escola municipal	Ens. Fund. I e II	40h
Lucy - 40	Letras - Port/Inglês (2017) UNEMAT	Psicopedagogia	1 ano	Contratada-escola municipal	Ens. Fund. I e II	20h
Charlie - 47	Letras - Port/Inglês (1998) UNEMAT	Metodologia do ensino da língua inglesa	21 anos	Efetiva - escola estadual	Ens. Fund. I e II/Ensino Médio	30h

Quadro 1 – perfil dos professores participantes

Fonte: elaborado pelo autor.

Ao observar o quadro, podemos notar que o grupo de participantes, apesar de serem todos de uma mesma área é bastante heterogêneo. Dessa forma, durante o Curso, os professores puderam opinar e participar ativamente no processo de elaboração da ferramenta educacional e também dialogar e discutir sobre os seus processos de avaliação em sala de aula. Toda a formação ocorreu de maneira colaborativa, tanto nas questões de leituras teóricas, quanto nos momentos de reflexão, o pesquisador sempre buscou ouvir as opiniões dos participantes, além de compreender e instigá-los a analisar as características relacionadas às suas práticas avaliativas.

Outrossim, a pesquisa também se caracterizou como colaborativa. Segundo Desgagné (2007, p. 10):

A pesquisa colaborativa se articula a projetos cujo interesse de investigação se baseia na compreensão que os docentes constroem, em interação com o pesquisador, acerca de um aspecto da sua prática profissional, em contexto real. Em consequência, o papel do pesquisador, no referido projeto colaborativo, se articula essencialmente em função de balizar e orientar a compreensão construída durante a investigação. Tal compreensão parte do quadro de exploração proposto,

remetendo-se ao projeto teórico ligado ao objeto de pesquisa privilegiado, no próprio contexto da investigação.

De fato, podemos afirmar que o processo formativo foi enriquecedor, pois houve uma interação entre todos os participantes e o pesquisador. Mesmo com todas as adaptações necessárias e o auxílio de ferramentas tecnológicas, consideramos como louvável a troca de experiências. A pesquisa se tornou prazerosa, pois a cada encontro coisas novas surgiam, questionamentos sobre como proceder com a avaliação, tanto presencialmente quanto de maneira remota, ou seja, muitas experiências eram compartilhadas e debatidas.

Assim, consideramos o contato com os docentes de LIC durante toda a realização da pesquisa como uma oportunidade de entendimento da visãoêmica, existencial política e emocional que guia suas condutas no fazer pedagógico (SANTOS, 2009). No próximo tópico, apresentamos como foi elaborado a ferramenta educacional para fins avaliativos e seus possíveis usos.

A grade de critérios avaliativos (GCAV)

Além de promover discussões e uma formação continuada aos docentes de LIC específica sobre a avaliação, um dos objetivos do Curso foi construir colaborativamente um instrumento que auxiliasse os docentes na sua prática avaliativa em sala de aula. Como os participantes eram todos professores de escolas públicas, durante alguns encontros foram feitas sondagens para que pudessem expressar seus anseios, opiniões e angústias, bem como ideias que pudessem emergir em algo concreto para auxiliá-los.

Os participantes relataram que nos anos iniciais do ensino fundamental, as avaliações não resultavam em notas, mas sim em conceitos, pareceres e relatórios. Pensando nisso, partimos do pressuposto de que os docentes já conhecessem o parecer descritivo (PD) e soubessem como elaborá-lo. Nesse sentido, foi preciso reconduzir a formação para sanar as dúvidas e contribuir com conhecimento sobre esse tipo de ferramenta avaliativa, o que demonstra o caráter maleável da pesquisa colaborativa.

Porém, decidimos esclarecer um pouco mais sobre esta ferramenta avaliativa em alguns encontros formativos e juntamente com aquilo que os professores apontassem, criar algo que os ajudassem futuramente na escrita destes pareceres. Disso, surgiu a ideia, a partir da leitura de artigo de Bueno e Tonelli (2019) sobre o uso do PD, de criar uma Grade de Critérios Avaliativos (GCAV), para auxiliar os docentes a organizar melhor as ideias e estabelecer critérios para avaliar os estudantes iniciantes na aprendizagem de LI.

Ao fazermos a leitura do artigo das pesquisadoras citadas anteriormente, concordamos com as afirmações que elas fazem sobre a avaliação da aprendizagem de LIC, pois, segundo elas, pode

[...] além de medir a aprendizagem em si, subsidiar a prática de ensino posto que, pautado nos resultados obtidos a partir da avaliação, o professor poderá analisá-los e, posteriormente, se for o caso, (re)orientar suas práticas docente buscando a melhoria do objeto avaliado. (BUENO; TONELLI, 2019, p. 113).

Segundo Hoffmann (2000), o PD significa estabelecer uma relação teórico/prática sobre as vivências, os avanços, as dificuldades, oferecendo subsídios para encaminhamentos, sugestões e possibilidades de intervenção para pais, educadores e para o próprio aluno. O registro constante permite uma observação mais fundamentada sobre os avanços dos alunos, revelando a trajetória da aprendizagem (o que aprenderam, como e o que falta aprender), estabelecendo pontos de chegada para cada período de avaliação.

Nesse sentido, mais uma vez concordamos com Bueno e Tonelli (2019) ao confirmarem o posicionamento de utilizar a avaliação como acompanhamento da aprendizagem e desenvolvimento da criança (incluindo o linguístico) e, posteriormente, apresentar de maneira clara aos pais os avanços e as lacunas a serem trabalhadas na aprendizagem do inglês. “Por estas razões, defendemos a necessidade de criar uma grade de critérios avaliativos para orientar os professores ao redigirem seus PD sobre o desenvolvimento dos alunos” (BUENO, TONELLI, 2017, p. 117).

A grade não é o instrumento avaliativo em si, mas pode atuar como ferramenta auxiliar na elaboração do PD. Ao pensar na elaboração de PD para seus alunos, o professor, quando mal formado sobre a importância da elaboração de critérios e objetivos, pode acabar caindo na subjetividade, ou seja, atribuindo juízo de valor sem se basear em evidências e conceitos científicos específicos para aquilo que se propõe a avaliar. Podemos inferir que, ao elaborar a GCAV, por exemplo, seja possível reduzir a subjetividade contida nos processos avaliativos e, por conseguinte, progredir na confiabilidade e a validade do processo avaliativo na busca de, se não a extinguir, pelo menos minimizá-la.

A seguir apresentamos a GCAV desenvolvida em colaboração com os professores para avaliar crianças aprendendo inglês no 1º ano do ensino fundamental I:

GRADE DE CRITÉRIOS AVALIATIVOS (GCAV)

Escola:

Série: 1º ano Fund. I Professor: _____ Aluno (a): _____

	Crítérios avaliativos	Atingido	Parcialmente atingido	Em desenvolvimento
1	Reconhece e reproduz cumprimentos simples como: <i>Good morning, good afternoon, Hi, Hello, Bye-bye, See you...</i>			
2	Reconhece vocabulário relacionado a sala de aula e escola: <i>teacher, student, school, bus, book, pencil...</i>			
3	Identifica os gêneros <i>boy</i> e <i>girl</i>			
4	Identifica os números de 1 a 10. (<i>one to ten</i>) * não necessariamente em ordem			
5	Consegue compreender os comandos: <i>sit down, stand up, get up, please, open your books...</i>			
6	Identifica cores simples em inglês como <i>red, blue, green, yellow, pink, brown, black...</i>			
7	Associa cores e número com o vocabulário simples de frutas: <i>apple, orange, grape, banana, watermelon...</i>			
8	É capaz de nomear pessoas e coisas que são familiares: <i>cat, dog, bird, mother, father, brother, sister...</i>			
9	Copia palavras e frases curtas.			
10	Consegue responder a perguntas simples com <i>Yes</i> ou <i>No</i> .			
11	Compreende a descrição de objetos simples do dia a dia e de pessoas: <i>big, small, old, young, short...</i>			
12	Reconhece e reproduz as datas comemorativas em inglês: <i>Easter, Mother's Day, Father's day, Christmas...</i>			
13	Conseguem falar sobre preferências a partir de perguntas simples: <i>Do you like pizza? Yes, I like. No, I don't...</i>			

Figura 2 – primeira parte da GCAV**Fonte:** elaborado pelo autor.

14	Consegue compreender pequenas mensagens simples em sinais e placas: <i>stop, go, close, open ...</i>			
15	Reconhece e reproduz algumas formas geométricas como: <i>circle, square, triangle, rectangle, star...</i>			
16	Consegue reproduzir o vocabulário relacionado ao meio ambiente e natureza: <i>tree, sun, cloud, rain, bird, grass, bee, butterfly, ant...</i>			
17	Reproduz o vocabulário relacionado aos animais da fazenda: <i>horse, pig, cow, sheep, duck, chick, hen, rooster, dunkey...</i>			
18	Entende histórias simples e curtas com a ajuda de figuras.			
19	É capaz de diferenciar os animais domésticos, os animais da fazenda e os animais do zoológico.			
20	Internaliza e reproduz com facilidade as músicas e cantigas trabalhadas durante as aulas: <i>Fingers Family, Old McDonald, Little Indians...</i>			
21	Responde oralmente, de forma adequada, às perguntas feitas pelo professor.			
22	Participa oralmente das produções de texto coletivas.			
23	Necessita de recursos não verbais tais como gestos e expressão facial, para que compreenda instruções dadas pelo professor.			
24	Pronuncia as palavras de forma inteligível.			
25	Compreende as histórias que ouve.			
26	Cumprimenta e despede-se oralmente do professor e/ou de outros alunos.			
27	Comunica-se oralmente em LI sem se apoiar na língua primeira.			
28	Demonstra grande interesse e esforço para atuar bem e aprender mais.			
29	Mostra solicitude quando precisa interagir com os colegas de turma e com o professor(a).			
30	Utiliza espontaneamente aquilo que aprender em sala nas interações com colegas e professores.			

Figura 3 – segunda parte da GCAV

Fonte: elaborado pelo autor.

Podemos inferir que, ao elaborar a GCAV, por exemplo, seja possível reduzir a subjetividade contida nos processos avaliativos. Para preencher a GCAV o docente precisa acrescentar os objetivos e os critérios que deseja avaliar no decorrer de um bimestre, semestre ou ano e marcar se o aluno conseguiu atingir o objetivo proposto. Esse acompanhamento pode ser periódico ou o professor pode escolher momentos específicos para preencher a GCAV, além de utilizar diferentes recursos e instrumentos avaliativos (jogos, brincadeiras, atividades, simulações, encenações etc.).

O importante é que o professor consiga acompanhar de perto os avanços e as dificuldades que os alunos podem apresentar e que reflita na maneira como pode abordar novamente os conteúdos trabalhados para sanar as possíveis dúvidas ou pontos fracos dos estudantes. Desta forma, é possível que o professor analise os resultados e, se necessário, intervenha nos critérios de maior defasagem.

Ao utilizar a GCAV durante todo o período letivo, ou parte dele, o professor poderá acompanhar o desenvolvimento do aluno, comparar os resultados do início e do final do período letivo e relatar o desenvolvimento da criança. Ao redigir o PD, Bueno e Tonelli (2019, p. 124) apontam que

[...] é imprescindível que o professor se mantenha fiel às informações coletadas para que ele reflita exatamente o

desempenho da criança. Assim, de posse da grade devidamente preenchida, o professor transforma as informações nela contidas em um texto descritivo para reportar o desenvolvimento do aluno.



Em nossa GCAV não nos propusemos a apresentar competências não linguísticas com relação a aprendizagem das crianças, tais como comportamento, colaboração, envolvimento e participação, no entanto, se o professor julgar importante, poderá acrescentá-las de acordo com suas observações em sala de aula. Outrossim, enfatizamos a necessidade de se elaborar critérios e objetivos prévios com relação a avaliação das habilidades, além do conhecimento sobre os estágios de desenvolvimento cognitivo, emocional e psicológico das crianças (PINTER, 2011).

Ademais, podemos afirmar, com base em Pinter (2006), que os instrumentos de avaliação podem não ser adequados para todos os contextos. Dessa forma, é importante que o docente analise cuidadosamente seu contexto de ensino e aprendizagem, para escolher um instrumento de avaliação adequado. Consideremos que a GCAV possa ser um instrumento de auxílio para a prática avaliativa consciente e reflexiva, uma vez que os dados colhidos por meio dela servem para que o professor, o aluno e os familiares reflitam sobre como ocorre a aprendizagem nas aulas de inglês.

Esta ferramenta pode mostrar onde o aluno está, como está e onde ele/ela pode chegar com a ajuda do docente. Outro fator positivo é que a elaboração desse instrumento não demanda muito tempo e o professor pode elaborá-la com a ajuda de seus colegas que também atuam com a LI. A GCAV pode ser elaborada no início do bimestre e sofrer alterações de acordo com o planejamento e as demandas do docente, bem como pode ser elaborada e utilizada no decorrer de um semestre

É necessário ressaltar que a GCAV não resolve todo os percalços do processo de avaliação no contexto de ensino e aprendizagem de LIC, mas pode ser uma dentre tantas outras à disposição dos professores. Assim, Mckay (2006, p. 140) nos lembra que nem toda avaliação utilizada em sala de aula é avaliação da sala de aula. Segundo ela, testes ou ferramentas avaliativas que não são de fato elaborados pelo professor podem destoar da situação de aprendizagem da sala de aula. Dessa forma, ao elaboramos a GCAV, contribuímos para que os professores compreendam a importância do uso de ferramentas avaliativas adequadas para cada nível de ensino em que atuam e, mais especificamente, no ensino fundamental I com crianças.

Talvez esse tenha sido um dos diferenciais do Curso específico para tratar da avaliação no ensino e aprendizagem de LIC: o processo colaborativo para que os participantes pudessem refletir mais e compartilhar suas experiências na busca de um bem como os instrumentos avaliativos. Nesse sentido, Mckay (2006, p. 144-145) afirma que:

Alguns professores enfrentam mais desafios do que outros na adoção de estratégias de avaliação em sala de aula. A maneira mais eficaz de melhorar as habilidades de avaliação em sala de aula é quando os professores trabalham em colaboração com outros professores, engajando-se em um "diálogo de avaliação uns com os outros". Grupos de professores podem ajudar uns aos

outros a desenvolver habilidades de avaliação em sala de aula quando planejam tarefas de avaliação em conjunto, compartilham ideias sobre os procedimentos que planejaram, experimentam ideias em conjunto, pontuam o trabalho conjunto das crianças e analisam os padrões de dados dos procedimentos.⁶

Foi exatamente esse processo colaborativo que fez a diferença no processo de elaboração da GCAV. Os professores puderam partir dos pressupostos utilizados em suas salas de aula a partir dos conhecimentos e experiências que possuíam sobre avaliação até então. Inicialmente, a grade mostrou-se como um importante momento de reflexão, pois os docentes ainda não haviam elaborado algo parecido que pudesse auxiliá-los. Tratou-se de uma cooperação inédita para o mesmo fim!

Coadunando ideias de Puskás (2017, p. 116), consideramos essencial que o professor disponha de ferramentas que o ajude a organizar suas ideias, critérios e objetivos para avaliar a aprendizagem de seus alunos. Segundo a pesquisadora:

Os professores precisam usar um método de pontuação ou marcação quando fazem julgamentos sobre a qualidade do desempenho dos jovens alunos. Considerações sobre a marcação e o sistema de marcação aplicam a base teórica incluída no currículo, a abordagem de ensino e a compreensão do professor sobre a aprendizagem de uma língua estrangeira/segundo idioma.⁷

Portanto, consideramos que a GCAV pode cumprir com esse papel no sentido de possibilitar mais organização no momento da elaboração do PD, auxiliando para que a escrita do texto seja totalmente baseada em pressupostos conectados com o processo de aprendizagem linguística dos alunos. Cameron (2005, p. 224) também salienta a importância dos critérios como ferramentas de referência, pois a referência de critérios do desempenho dos alunos depende, é claro, das normas esperadas, mas a distinção pode ser útil para princípio de querer que a avaliação apoie a aprendizagem. Nesse sentido, conforme aponta Oliveira (2018, p. 37), “[...] é por meio da avaliação, de seus resultados e do *feedback* que alunos, professores, administradores e pais podem repensar e aprimorar o processo de ensino/aprendizagem”.

⁶ No original: Some teachers face more challenges than others in adopting classroom assessment strategies. The most effective way of improving classroom assessment skills is when teachers work collaboratively with other teachers, engaging in an ‘assessment dialogue with each other’. Groups of teachers can help each other to develop classroom assessment skills when they plan assessment tasks together, share ideas on the procedures they have planned, try out ideas together, score children’s work together and analyze patterns of data from the procedures.

⁷ No original: Teachers need to use a scoring or marking method when they make judgements about the quality of young learners’ performance. Considerations about marking and the marking system apply the theoretical basis included in the curriculum, the teaching approach and the teacher’s understanding of learning a foreign/second language.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi trazer um breve recorte de uma pesquisa maior elaborada a nível de mestrado sobre a construção de uma ferramenta para auxiliar professores de LIC a avaliarem seus alunos em sala de aula. Como já mencionado anteriormente, a pesquisa aconteceu durante um curso de formação continuada colaborativo com professores de escolas públicas que atuam neste contexto.

Salientamos, conforme o que aponta Retorta e Marochi (2018), a importância de que a avaliação necessite maximizar os efeitos das habilidades linguísticas que queremos avaliar para garantir que seja válida e confiável. Dessa forma, congruimos para o ponto de ser necessário que os docentes consigam elaborar e organizar suas ferramentas avaliativas, para diminuir a subjetividade e contribuir para a aprendizagem, pois defendemos que a avaliação está muito associada a aprendizagem e, conforme argumentam Canan e Paiva (2016, p. 22), “[...] para que aconteça uma aprendizagem significativa, a avaliação dessa aprendizagem também precisa oferecer significação ao processo”.

Consideramos que os objetivos propostos foram atingidos, uma vez que a construção da ferramenta aconteceu de maneira colaborativa. Entretanto, salientamos que a partir desta temática, podem surgir outros estudos para serem realizados a fim de continuar averiguando possíveis instrumentos de avaliação para a aprendizagem de LIC e potencializar o crescimento desta área tão importante para a educação. Consideramos ser necessário trabalhos que investiguem sobre o Letramento em Avaliação (SCARAMUCCI; QUEVEDO-CAMARGO, 2018) de professores de línguas para que, a partir disso surjam novas propostas interventivas que ajudem os docentes a melhorarem seus processos avaliativos e visualizarem a importância de uma avaliação justa, competente e bem elaborada para avaliar os alunos com maior segurança e credibilidade.

Além disso, salientamos que os dados aqui utilizados podem ser melhorados e adaptados para uma futura pesquisa mais ampla e com a aplicação das ferramentas. Ademais, este estudo oferece um olhar entre tantos outros que podem ser desenvolvidos para os objetivos e pontos de discussão propostos.

Referências

ANDRADE, B. *Avaliação na produção oral de língua estrangeira para crianças: uma proposta de acompanhamento do processo de aprendizagem*. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

ARANDA, M. T. T. Avaliação formativa em contextos de Educação Bilíngue: diálogos possíveis. In: MEGALE, A. (org.). *Educação bilíngue no Brasil*. São Paulo: Fundação Santillana, 2019. p. 119-134.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOTH, I. J. *Avaliação planejada, aprendizagem consentida: é ensinando que se avalia, é avaliando que se ensina*. Curitiba: IBPEX, 2008.

- BROWN, H. Douglas. *Language Assessment: Principles and Classroom Practices*. Pearson Education, 2004. Natal, RN: EDUFRN, 2016.
- CAMERON, L. *Teaching Languages to Young Learners*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- CANAN, A. G; PAIVA, V. M. A. S. *Avaliação de língua inglesa na sala de aula uma construção coletiva*. Edu UFRN, 2016.
- CONSOLO, D. A; COLOMBO, C. S. *O Ensino de Inglês como Língua Estrangeira para Crianças no Brasil: cenários e reflexões*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.
- DESGAGNÉ, S. O conceito de pesquisa colaborativa: a idéia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 29, n. 15, p. 7-35, 2007.
- GARCIA, M. S. DOS S; TRUJILLO, D. S. Avaliando com rubricas – um caso de avaliação focado na disciplina de inglês. *REVISTA INTERSABERES*, Curitiba, v. 13, n. 30, p. 541-558, 2018. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/download/1554/414276>. Acesso em: 22 maio 2021.
- FREITAS, J. F. *Ensino e aprendizagem de inglês na infância: um direito negado?* Artigo de opinião, Só Notícias, Sinop MT, 2019.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, A. C. *Metodologia do ensino superior*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- HOFFMAN, J. *Avaliar para promover: as setas do caminho*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2001.
- HOFFMANN, J. *Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- IOANNOU-GEORGIU, S.; PAVLOU, P. *Assessing Young Learners*. Oxford University Press, 2003.
- LIMA, A. S.; SANTOS, L. I. S. Formação de professores em pré-serviço: o fazer docente na oferta de língua inglesa para crianças. *REVELLI- Revista de Educação, Língua e Literatura da UEG*, Inhumas, v. 9, p. 37-57, 2017.
- LUCKESI, C. C. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1991.
- MALLOY, A. *Seven essential considerations for assessing young learners*. *Modern English teachers*, v. 24, n. 1, p. 20-23, 2015.
- MCKAY, P. *Assessing Young Language Learners*. Cambridge University Press, 2006.
- MOROSOV, I.; MARTINEZ, J. Z. *Metodologia do ensino de língua portuguesa e estrangeira*. Curitiba: IBPEX, 2008.
- OLIVEIRA, J. S. F. *Avaliação em um curso de língua estrangeira para crianças no ensino fundamental 1: uma professora em busca de subsídios para sua prática*. 2018. 136 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) —Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

OLIVEIRA, L. A. *Aula de inglês: do planejamento à avaliação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

PINTER, A. *Teaching young language learners*. Oxford University Press, 2006.

PINTER, A. *Children learning second languages*. Palgrave Macmillan, 2011.

PUSKÁS, A. *Assessing Young Learners in the English Language Classroom*. Belvedere Meridionale, Hungary, 2017.

QUEVEDO-CAMARGO, G. P. Formação de professores de línguas adicionais e letramento em avaliação: breve panorama e desafios para os cursos de licenciatura em LEM no Brasil. *Calidoscópio*, São Leopoldo, RS, v. 18, n. 2, p. 435-459, maio-ago. 2020.

QUEVEDO-CAMARGO, G. P. Proficiência linguística e avaliação da produção oral em língua inglesa na educação básica. In: EL KADRI, M. S.; et al. (org.). *Tendências contemporâneas para o ensino de língua inglesa: propostas didáticas para a educação básica*. Campinas, S.P: Pontes Editores, 2014. p. 245-272.

QUEVEDO-CAMARGO, G.; SCARAMUCCI, M. V. R. O conceito de letramento em avaliação de línguas: origem de relevância para o contexto brasileiro. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, Goiânia, v. 22, n. 1, p. 225-245, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/54474> . Acesso em: 17 maio 2021.

RINALDI, C. *Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

MAROCHI, T. B; RETORTA, M. S. *Avaliação em línguas estrangeiras: da teoria à prática*. Curitiba: CRV, 2018.

ROCHA, C. H.; COSTA, L.; SILVA, K. A. Inglês para crianças do ensino fundamental: visões implícitas da avaliação proposta por um livro didático e as crenças dos professores. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 79-112, 2006.

SANTOS, L. I. S. *Língua Inglesa em anos iniciais do Ensino Fundamental: fazer pedagógico e formação docente*. 274 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) –Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto/SP, 2009.

SCARAMUCCI, M. V. R Avaliação da leitura em inglês como língua estrangeira e validade de construto. *Calidoscópio*, São Leopoldo, RS, v. 7, n. 1, p. 30-48, jan./abr. 2009. Disponível em: http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_calidoscopio/Vol7n1/art04_scaramucci.pdf. Acesso em: 01 abr. 2019.

SCARAMUCCI, M. V. R. Dúvidas e questionamentos sobre a avaliação em um contexto de línguas. In: OUTRAS PALAVRAS – SEMANA DE LETRAS, 5, 1993, Maringá. *Anais [...]*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 1993. p. 91-98.

SHAABAN, K. Assessment of Young Learners. *English Teaching Forum*, [s. l.], v. 43, n. 1, p. 34-40, 2005.

TONELLI, J. R. A; BUENO, B. A. G. O parecer descritivo na avaliação do ensino e da aprendizagem de crianças aprendendo inglês como língua estrangeira. *Percursos Linguísticos* [s. l.], v. 9, n. 23, p. 110-129, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/27895>. Acesso em: 4 maio 2021.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira.



Para citar este artigo

FREITAS, Joelinton Fernando de. Ferramenta educacional para avaliar crianças aprendendo inglês. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 12, n. 1, p. 43-63, jan.-abr. 2023.

O autor

Joelinton Fernando de Freitas é mestre em Letras (Estudos Linguísticos e Literários) pelo PPG Letras da UNEMAT/Sinop. Atualmente cursa doutorado em Estudos Linguísticos no PPGEL da UNESP/IBILCE de São José do Rio Preto. Além disso, é graduado em Letras – português e inglês também pela UNEMAT/Sinop. Desde 2019 atua como professor interino do curso de Letras da UNEMAT/Sinop ministrando disciplinas de língua inglesa. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8539-8438>.